

## POLÍTICAS AVALIATIVAS NA PERCEPÇÃO DOS GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

Ana Paula Silva Machado <sup>1</sup>  
Ana Maria de Albuquerque Moreira <sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a percepção de gestores de escolas da rede pública do Distrito Federal sobre as políticas avaliativas em larga escala. Para isso, foram selecionadas duas escolas de ensino fundamental e duas de ensino médio, sendo utilizados como critérios de seleção: o nível socioeconômico, localização da escola - urbana ou rural - e o índice de complexidade de gestão. Como resultado, constatou-se que as avaliações em larga escala são vistas, para os gestores, como iniciativas que visam avaliar a ação pedagógica da escola, porém também estão relacionadas ao ranqueamento, padronização do ensino e competição para o acesso ao ensino superior, no caso das escolas de ensino médio. O estudo também coletou sobre a visão dos gestores sobre a atuação da Secretaria de Educação do DF no trato dessas políticas e também sobre as contribuições do IDEB para a escola. Por fim, destaca-se que as políticas avaliativas influenciam na organização pedagógica e são determinantes para a prática da gestão escolar. Entretanto, também podem ser relacionadas com a falta de orientação para a implementações das políticas públicas na escola, assim como também falhas nas divulgações dos resultados.

**Palavras-chave:** Políticas públicas. Avaliação em larga escala. Gestão Escolar. Equipe Gestora.

### INTRODUÇÃO

Os resultados de pesquisa discutidos neste trabalho estão articulados à pesquisa nacional Políticas educacionais, cidadania global e diversidade territorial: expedições escolas do Brasil, que tem o objetivo de analisar a implementação das políticas públicas em escolas das redes públicas em três dimensões: território, cidadania global e políticas educacionais. Nesta última dimensão foram selecionadas as políticas de avaliação em larga escala, levando em conta a percepção da comunidade escolar: família, estudantes, professores e equipe gestora. Na pesquisa nacional, tendo em vista a dimensão território, a definição da amostra foi feita pelos biomas brasileiros, e por isso cada equipe da pesquisa foi responsável por trabalhar com escolas de cada bioma.

---

1. Graduanda de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB, [annasmachado@gmail.com](mailto:annasmachado@gmail.com)  
2. Professora Orientadora: Professora doutora, Faculdade de Educação – UnB, [anaalbuquerque@unb.br](mailto:anaalbuquerque@unb.br)

Como um recorte da Pesquisa Nacional citada, este estudo foi desenvolvido com escolas do bioma Cerrado para compreender a percepção que membros das equipes gestoras de escolas da rede pública do Distrito Federal (DF) possuem sobre políticas avaliativas em larga escala, levando em consideração as avaliações externas das quais as escolas participam. A partir desses entendimentos, foi constatado que apesar dos gestores compreenderem a importância dos resultados para a construção de uma ação pedagógica que vise melhorar os pontos falhos no desempenho dos alunos e qualidade do ensino, políticas avaliativas são interpretadas como instrumentos padronizantes, voltados para o ranqueamento das escolas e, em especial nas escolas pesquisadas que ofertam ensino médio, para a competição dos alunos com foco no acesso a instituições de educação superior.

## **METODOLOGIA**

O método utilizado para a realização da pesquisa foi o qualitativo e contou, essencialmente, com a técnica de entrevistas semiestruturadas, tendo por base um roteiro definido para análise da dimensão das políticas de avaliação em larga escala.

No bioma Cerrado, foram selecionadas quatro escolas da rede pública do DF, sendo duas de ensino fundamental e duas de ensino médio. Os critérios utilizados para seleção foram: nível socioeconômico (NSE)<sup>3</sup>, localização da escola – urbana ou rural – e o Índice de Complexidade da Gestão (ISG)<sup>4</sup>. Esses dados foram coletados pelos indicadores educacionais disponibilizados no site do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Com o intuito de manter em sigilo o nome das escolas, estas serão nomeadas de escola A, escola B, escola C e escola D. Cada uma dessas escolas atendem a diferentes etapas da educação básica e apresentam características e localizações diferentes. Com o objetivo de caracterizar cada escola, apresenta-se o quadro a seguir:

- 
3. Indicador educacional que visa identificar o nível socioeconômico da comunidade das escolas de educação básica, leva em consideração a posse de bens no domicílio, contratação de serviços, renda familiar e escolaridade dos responsáveis.
  4. Indicador educacional voltado para a medir a complexidade de gestão das escolas de educação básica, para isso considera o tamanho da escola, número de turnos de funcionamento, etapas ofertadas e quantidade de etapas/modalidades oferecidas.

Escola	Características	Localização
<b>Escola A</b>	Escola do campo que atende os anos iniciais (ensino fundamental 1). Situada em região rural e pertencente ao grupo 3 no NSE e grupo 2 no ICG.	Fercal
<b>Escola B</b>	Atende o ensino fundamental 2, localizada em zona urbana. Presente no Grupo 5, no NSE e no Grupo 3 no ICG.	Asa Norte – Plano Piloto
<b>Escola C</b>	Escola do campo que oferta ensino médio; está situada numa região que se encontra no Grupo 3 no NSE e no grupo 6 do ICG.	Brazlandia
<b>Escola D</b>	Oferta ensino médio e está situada na zona urbana; grupo 5 no NSE e grupo 4 no ICG.	Asa Sul – Plano Piloto

## POLÍTICAS AVALIATIVAS

Como eixo norteador da pesquisa, destacam-se as políticas avaliativas, sendo elas exemplificadas pelas avaliações de larga escala aplicadas em todo sistema de ensino. Como são provas aplicadas por instituições externas às escolas, são comumente associadas ao caráter de controle institucional e, assim, determinantes para a formulação de Políticas Públicas, como destaca Nóvoa:

A avaliação externa é decidida normalmente por razões de ordem institucional, que se prendem com necessidades de controlo organizacional ao nível de sistema de ensino. No entanto, não se deve excluir a possibilidade a avaliação externa estar ligada a dinâmicas de desenvolvimento, sobretudo no momento de lançamento de reformas educativas. (NÓVOA, 1995. p. 38)

As avaliações em larga escala, para Oliveira (2012), podem ser longitudinais ou transversais, pois além de tenderem a acompanhar um grupo de estudantes ao longo do ano, também fazem um recorte em um período para avaliar o desempenho dos estudantes de um determinado ano. E ainda podem ser amostrais, avaliando um grupo de alunos do sistema, ou censitárias, avaliando todos os alunos matriculados em um determinado ano.

Como exemplos de avaliações de larga escala aplicadas na educação básica, ressaltam-se as avaliações, a Prova Brasil, vinculada ao Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e o Exame Nacional do Ensino médio (Enem).

A Prova Brasil, avaliação externa voltada para averiguar o desempenho dos estudantes matriculados no 5º e 9º ano do Ensino Fundamental em Matemática e Língua Portuguesa. E o Exame Nacional do Ensino médio (Enem), avaliação voltada para alunos matriculados ou egressos do Ensino médio, que avalia os estudantes de acordo com as competências estabelecidas em cada área do conhecimento; Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Matemática e Redação, além disso, também é vinculada ao acesso à educação superior.

Dessa forma, levando em consideração as finalidades das avaliações em larga escala, quais sejam de verificar o desempenho dos estudantes na educação básica e a qualidade do ensino, existem também críticas a serem consideradas sobre as formas de implementação e o uso das políticas avaliativas no ambiente escolar. Libâneo (2018) constatou que as avaliações externas promoveram modificações dentro do ambiente escolar: a instrumentalização do currículo; tecnicismo pedagógico; indivíduos passivos no seu processo de aprendizagem; desconsideração do contexto de cada aluno; testes padronizados que não condizem com a desigualdades sociais e escolares presentes no processo de escolarização; responsabilização do sucesso e insucesso e culpabilização do professor; consolidação de uma educação meritocrática, e, por fim, competição entre os alunos. Tal crítica apontada por Libâneo (2018), também está relacionada com aspectos discutidos por Santana (2010), ao analisar a relação entre as avaliações externas e o Estado avaliador:

Este modelo de avaliação externa apareceu como uma forma de justificar um investimento desigual na educação, uma forma de controlar os conteúdos desenvolvidos nos diferentes sistemas de ensino e de estimular a competitividade e o *accountability*. (SANTANA. 2010. p, 40)

Sendo assim, apesar de as políticas avaliativas na escola estarem relacionadas com a avaliação do desempenho dos estudantes e a busca pela qualidade do ensino, também foram atribuídas a elas características de controle, ranqueamento e a padronização do ensino. No estudo desenvolvido, observou-se tais fatores presentes nas entrevistas realizadas com representantes das equipes gestoras das escolas selecionadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise das entrevistas realizadas com os gestores escolares, foi constatado que as políticas avaliativas, a despeito de serem padronizadas, são interpretadas de diferentes formas quando chegam às escolas. Vale destacar que essas políticas são nacionais, mas diversos

fatores contribuem para que sejam compreendidas de diferentes maneiras, conforme a localização da escola e a compreensão dos atores envolvidos na sua implementação. Tais fatores serão discutidos a partir do relato das entrevistas realizadas com um membro da equipe gestora de cada escola inserida no estudo. Primeiramente, é feita uma breve caracterização de cada entrevistado por escola.

#### a. Caracterização dos entrevistados

Tendo em vista que, na concepção democrática, a gestão da escola é realizada por uma equipe gestora, torna-se relevante salientar que as entrevistas não foram realizadas com quem ocupa o cargo de diretor/diretora, mas com membros das equipes gestoras, aqui denominados gestores.

<b>Gestor Escola A</b>	<b>da</b>	Graduação em Pedagogia e especialização na área de Gestão Educacional. Tem 27 anos de magistério e há 14 anos atua na escola como equipe gestora.
<b>Gestor Escola B</b>	<b>da</b>	Pós-graduação em Educação Física. Apresenta 23 anos de magistério e atua na escola atual há 2 anos como integrante da equipe gestora.
<b>Gestor Escola C</b>	<b>da</b>	Graduação em Educação Física e possui especialização na área de Gestão e Orientação. Tem 29 anos de magistério, 16 anos na escola e 12 atuando na gestão da escola.
<b>Gestora Escola D</b>	<b>da</b>	Graduação em Pedagogia e Letras com especialização da área da Educação. Apresenta 28 anos de magistério e 7 anos como equipe gestora na escola.

**Fonte: dados da pesquisa.**

Na análise, destaca-se, inicialmente, a visão dos gestores a respeito das políticas de avaliação externa – em larga escala – das quais a escola participa. Nos fragmentos de falas, observa-se que os gestores conferem uma interpretação própria às avaliações externas, por vezes, distante do que é proposto na própria avaliação e suas finalidades.

#### b. A visão dos gestores sobre as políticas de avaliação externa que a escola participa

<b>Gestor Escola A</b>	<b>da</b>	Eu vejo que é um pouco injusta. Porque nós somos uma escola do campo, nós não temos a mesma oportunidade que um aluno de uma escola da cidade tem, nossos alunos não tem a mesma vivência, não tem acesso à internet. É raro a vez que ele sai daqui, por exemplo, para o Plano, Sobradinho. Então assim, eles não têm essa visão ampla do que é essa vida
------------------------	-----------	--

		lá fora. E com isso não é uma competição justa.
<b>Gestor</b>	<b>da</b>	Eu não tenho bons olhos para ela não. Porque muitas vezes eles esquecem de olhar o contexto da escola e não vê o que está acontecendo.
<b>Escola B</b>		
<b>Gestora</b>	<b>da</b>	Eu vejo, como gestor, é avaliar o nosso trabalho com um olhar de fora. Não são provas feitas sem qualquer cuidado, muito pelo contrário são muito bem elaboradas. E tem o lado social, no caso do Enem é o acesso ao curso superior, então eu acho que todos ganham, eles ganham pela questão da bolsa, eu tenho alunos aqui que só querem tem bolsa de estudos.
<b>Escola C</b>		
<b>Gestora</b>	<b>da</b>	O Enem é nacional. Então ele tem que ser utilizado também, eu vejo dessa forma, eu não posso maquiagem uma coisa para o meu aluno fazer uma coisa contrária que ele vai encontrar no fim do ano, seria uma hipocrisia da escola.
<b>Escola D</b>		

**Fonte: dados da pesquisa.**

Após a análise das falas dos gestores, nota-se que os entrevistados das escolas A e B criticaram as avaliações em larga escala em relação à desconsideração dos contextos diferentes das escolas. Ou seja, no caso da Escola A, o gestor entende que a avaliação desconsidera a sua especificidade como escola do campo, e nivela o desempenho dos alunos em uma mesma avaliação. Tal crítica se relaciona a ideia desenvolvida por Libâneo (2018); segundo o autor,

As provas em larga escala são aplicadas massivamente, um mesmo instrumento é aplicado para um grande número de alunos, desconsiderando-se as condições individuais, sociais, culturais, a estrutura física da escola, as condições de trabalho dos professores e o ambiente de aprendizagem. (LIBÂNEO, 2018, p.70)

Já para as escolas D e C, ambas escolas que atendem o ensino médio e participam do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), as avaliações em larga estão ligadas ao ingresso e aprovação dos estudantes na educação superior, pois elencam sobre a preparação para o Enem, como ferramenta de ingresso em Universidades. Para o gestor da escola C, o interesse dos estudantes em fazer as provas para adquirir benefícios, como ProUni e Fies, os quais são programas vinculados ao Enem, para se beneficiarem de bolsas de estudos em IES particulares.

Tal fator pode contribuir para limitar a função do Enem em avaliar a qualidade do ensino do ensino médio, o pode ser influenciado pela falta de orientação adequada sobre a implementação do exame, como política pública, pois, além de ser porta de acesso para

instituições de educação superior, é ligado ao controle do desempenho dos estudantes ingressos e egressos do ensino médio, a fim de propor a avaliação da qualidade da etapa de ensino.

Tendo em vista as diferentes interpretações sobre as avaliações em larga escala, foi perguntado aos gestores quais estratégias a Secretaria de Educação utiliza no processo de implementação das avaliações.

**c. As estratégias da Secretaria de Educação junto à escola sobre as avaliações externas**

<b>Gestor da Escola A</b>	Em 2015 nós participamos de uma ação, porque nós fomos uma das 60 escolas do DF a ficar a baixo do IDEB, eles fizeram a ação emergência para trabalhar. Então, a Secretária de Educação fez o encontro, e para este ano eles estão lançando um projeto, que eu esqueci agora o nome do projeto, mas que é específico para essas escolas que ficaram com o IDEB a baixo.
<b>Gestor da Escola B</b>	Tem o mapa que é lançado no sistema para a gente fazer uma avaliação e de quais pontos. A escola mesmo faz a avaliações de quais pontos melhorar ou quais pontos, por enquanto, tem que manter. Em geral, você procura o melhoramento de todos, mas você foca naqueles que ficaram mais defasados.
<b>Gestor da Escola C</b>	Tem o <i>Bora Vencer</i> que é um programa, mas o problema é com mobilidade que é lá no Nilson Nelson, não lá no Ulisses Guimarães. São aulas para o Enem e pro Pas.
<b>Gestora da Escola D</b>	Nós fazíamos uma grande pesquisa em cima dos dados dos alunos e das notas dos alunos, principalmente, em Português e Matemática. Nós mandávamos para eles, eles copilavam não sei de forma e eu nunca resultado e nem gráficos de nada. Então eu passei 1 ano levantando dados, mandando para eles e nunca recebi.

**Fonte: dados da pesquisa.**

De acordo com as falas dos gestores, é possível perceber que as escolas apresentam compreensões diversificadas sobre avaliação e, por vezes, distintas do que Secretaria de Educação pretende implementar, isso pode se dar na atuação da Coordenações Regional de Ensino<sup>5</sup> de cada Região Administrativa, ou de acordo com a etapa de ensino.

5. O Distrito Federal por ser uma unidade federativa é composto por Regiões Administrativas e cada uma possui uma Regional de Ensino, na qual é responsável pelas escolas situadas em cada região.

Como pode ser observado nas falas, para os gestores das escolas A e B, é relevante o retorno do desempenho das avaliações e como isso pode contribuir para as atividades da escola. Além disso, o gestor da escola A também comentou sobre a preocupação da Secretaria de Educação em atingir a meta no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e as estratégias que ela vem adotando para isso. Mas, para a gestora da escola D, não teve esse retorno, o que é prejudicial para a autoavaliação da escola. Nesse sentido, Brandalise (2010) destaca a importância de se colocar a escola como objeto de estudo e de avaliar, para que seja possível relacionar as políticas educacionais vigentes com o desempenho da escola.

Por fim, destaca-se a fala do gestor da escola C, que, por atender o ensino médio, associa a avaliação em larga escala, o Enem, ao ingresso em Instituições de Educação Superior, por isso evidencia programas preparatórios para Vestibulares como estratégias vinculadas às políticas avaliativas.

Outro indicador de relevância na gestão dos sistemas e das escolas é o Ideb. Por essa razão, foi questionado aos gestores das escolas investigadas, como trabalham para atingir a meta do Ideb.

#### d. Sobre o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)

<b>Gestor da Escola A</b>	Então, a escola participa da Prova Brasil, é uma avaliação que é colaboradora dos Ideb, então é através dela que a gente consegue a nota do Ideb da escola. E a gente trabalha em função dessa avaliação porque é um dos cargos chefes inclusive para as políticas públicas acontecerem nas escolas.  Nós conseguimos uma boa recuperação nas últimas avaliações, e aí crescemos. Nós estávamos com a média a baixo, a proporção era X, e nós já estamos com X.
<b>Gestor da Escola B</b>	Não. Não atingimos a meta ainda.
<b>Gestor da Escola C</b>	Não. A escola infelizmente estava crescente, mas a gente nunca conseguiu atingir a meta. Para a escola ter os índices divulgados, no Saeb, Ideb, você precisa ter 80% de participação nas avaliações, mas nós não conseguimos. E infelizmente nós não sabemos a nossa nota do Ideb do Ensino médio porque os alunos não participaram. E por isso estão fazendo uma campanha para os alunos fazerem a prova para poder saber direitinho como está. A avaliação externa não é tão fidedigna, mas é um excelente índice para avaliar a escola,

	se a gente não sabe como é que a gente faz?
<b>Gestora da Escola D</b>	Sim. Já. Tirando esse dado negativo e as reprovações que elas flutuam numa margem pequena. Nós temos uma boa aprovação e uma excelente classificação dentro das escolas públicas do DF, sempre em 1º lugar.

**Fonte: dados da pesquisa.**

Sobre o Ideb, apenas as escolas A e D conseguiram alcançar a meta estabelecida do Projeto Político Pedagógico da escola. Após 2007, foi dado forte enfoque ao comprometimento e o reconhecimento do Ideb para a qualidade do ensino da escola. Para Werle (2011),

O Ideb, elemento central do PDE, é calculado a partir dos resultados da Prova Brasil e do fluxo escolar indicado pelo censo educacional. O Ideb, não apenas situa o nível alcançado pela escola e pela respectiva rede de ensino, mas, no contexto do PDE e do Compromisso Todos Pela Educação (WERLE, 2011, p. 19)

No caso da escola A, o gestor comentou sobre a participação dos estudantes na Prova Brasil, avaliações externas voltadas para avaliar o desempenho dos estudantes de 5º e 9º ano nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa. O que demonstra domínio e preocupação do gestor em relação as Políticas Públicas na escola, pois a partir do resultado delas, são atribuídas médias às escolas, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), e conseqüentemente à formulação das Políticas Pública para propor o melhoramento da qualidade ensino.

Ressalta-se o comentário do gestor da escola C, para o qual existe também a preocupação em alcançar o número mínimo de estudantes para a realização da avaliação externa para que o resultado seja divulgado para a escola. Tal situação é vista como um problema a ser enfrentado, pois os estudantes não percebem a importância das avaliações em larga escala na contribuição para o planejamento de estratégias com foco na melhoria da ação pedagógica da escola.

E, para a gestora da escola D, é notável perceber que apesar de se preocupar com o bom rendimento da escola nas avaliações, em sua fala, a atribuição dos resultados das avaliações externas ao ranqueamento das escolas.

Tais fatores implicam em uma maior complexidade na gestão dos sistemas de ensino e nas escolas. Nesse sentido, os gestores entrevistados foram questionados a respeito da coordenação.

**e. A atual política avaliativa e a forma de coordenar a escola**

<b>Gestor da Escola A</b>	Elas impactam, por exemplo, no 5º ano que é onde a gente tem a prova, porque as vezes você deixa de trabalhar uma questão, por exemplo, da zona rural para trabalhar uma coisa que vai ser avaliada através de um papel/ uma prova. Então, é tão ruim quando você fica amarrado a isso, a um modelo. E a gente estava falando sobre as diretrizes da avaliação, que existem tantas avaliações; portfólio. E a gente fica presa a um modelo antigo, arcaico, onde o aluno tem que decorar uma forma para fazer, é aquele modelo.
<b>Gestor da Escola B</b>	“Sempre muda, porque você sempre tem um ponto de vista diferenciado e você acaba dando uma mudada, você não pode ficar engessado também. Se você ver que balançou de um lado, você concerta do outro. Então sempre muda.”
<b>Gestor da Escola C</b>	Com certeza. A avaliação se torna um meio de aprendizagem e a partir disso eu vou intervir.
<b>Gestora da Escola D</b>	“Afinal de contas você tem um compromisso com toda a comunidade escolar, a gente tem que ter, por exemplo, a gente tem que ter um modelo de questão semelhante ao modelo que nós acreditamos que vem acontecendo nos vestibulares e que vai continuar tendo”

**Fonte: dados da pesquisa.**

Como o estudo foi realizado com membros das equipes gestoras, não poderia faltar o questionamento sobre a influência da atual política avaliativa no trabalho na gestão. Após a análise das respostas dos entrevistados, é possível notar que as avaliações de larga escala são determinantes para a prática da gestão escolar e influenciam na organização pedagógica.

Para os gestores das escolas A e D, as avaliações em larga escala são guias para o trabalho pedagógico da escola, mas com diferentes pontos de vistas. Pois, segundo o gestor da Escola A, são obrigados a seguirem um modelo pré-estabelecido pelas avaliações, que apesar de procurarem propor uma qualidade de ensino, limitam a aprendizagem e trabalho por ser uma Escola do Campo. Para Soligo (2010),

[...] aquilo que poderia ser concebido como regulação desmedida e autoritária pode passar a ser considerado uma regulação necessária que visa à garantia do direito a uma educação de qualidade. (SOLIGO, 2010, p, 9)

E já para o gestor da escola D, essa relação é vista como uma prestação de contas da escola com a comunidade escolar, pois são cobrados bons resultados na avaliação, Enem, para

o acesso às IES. Já para os gestores das escolas B e C, as políticas avaliativas são vistas como instrumentos para identificar falhas na gestão na escola, ou seja, através do resultado nas avaliações em larga escala são propostas melhorias para a prática pedagógica da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão dos atores sobre as políticas públicas é fundamental no seu processo de implementação. Segundo Vieira (2006), as políticas consistem em ações governamentais formuladas e implementadas nas escolas de acordo com o momento histórico. Desse modo, a pesquisa teve por objetivo analisar a visão dos gestores sobre a implementação dessas políticas na escola, com evidencia nas políticas avaliativas, e como estão sendo interpretadas no contexto escolar.

Neste estudo, constatou-se, nas escolas investigadas, que as avaliações em larga escala influenciam nas práticas pedagógicas e gestão escolar, ou seja os gestores se mostraram preocupados com os resultados e com participação da comunidade escolar. Porém, foi observado que questões relacionadas ao ranqueamento, e à padronização do ensino estão presentes na preparação da escola para a realização das avaliações externas, aspecto distancia a escola dos objetivos centrais das avaliações. Tal conclusão é reforçada com a crítica feita pelo gestor da escola A, ao afirma que as avaliações em larga escala desconsideram as particularidades de uma Escola do Campo, e nivelam em uma mesma prova todas as escolas. Além dessa crítica, retoma-se também as falas dos gestores das escolas C e D, que por atendenrem ensino médio, percebem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como apenas uma porta de entrada dos estudantes para os ensino superior.

Por fim, este estudo revelou que apesar das políticas avaliativas serem iniciativas governamentais e nacionais, são interpretadas de diferentes formas quando chegam às escolas. Esse fato pode ser influenciado pela localização da escola e percepção da atores envolvidos das implemtação políticas públicas no contexto escolar. Por conta disso, é possível elencar a necessidade de haver mais orientações para guiar a comunidade escolar sobre a importância e função dessas políticas para melhoria da ação pedagógica.

## REFERÊNCIAS

- LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais neoliberais e escola: Uma qualidade de educação restrita e restritiva. In. Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar. 1ª ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018. pag. 44-87
- SANTANA, Andréia da Cunha Malheiros. A construção do Estado avaliativo e o aumento das avaliações externas: propagando um ensino desigual para todos. In: ROTHEN, José Carlos; SANTANA, Andréia da Cunha Malheiros. (Orgs.) Avaliação da educação: referências para uma primeira conversa. São Paulo: EdUFSCar, 2018. P. 38-50
- VIEIRA, Sofia Lerche. Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples. RBP AE – v.23, n.1, p. 53-69, jan./abr. 2007
- WERLE, Flávio Obino Corrêa. Políticas de avaliação em larga escola na educação básica: do controle de resultados á intervenção nos processos de operacionalização do ensino. Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação. Rio de Janeiro v. 19, n. 73, p. 769-792, out./dez. 2011.
- BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira. Autoavaliação de escolas: a relevância de um processo. In: \_\_\_\_\_. Autoavaliação de escolas: alinhavando sentidos, produzindo significados. Ponta Grossa/ PR: Editora UEPG, 2010, p. 79 – 102
- SOLIGO, Vandecir. A ação do professor e o significado das avaliações em larga escala na prática pedagógica. In: WERLE, Flávio Obino Corrêa. (Org.). Avaliação em larga escala: foco na escola. São Leopoldo: Oikos/Brásilia: Lliber; 2010, p. 119 – 133.